

1ª LIÇÃO

A FÉ E O CONHECIMENTO [PARTE I]

*“Não há suficiente evidência em algum lugar para **provar** absolutamente a Deus, mas há adequada evidência para justificar a **presunção** ou a fé de que Deus existe”.*

“A fé implica algo menos que o conhecimento... A fé, estando em meio do conhecimento e a ignorância, a certeza e a credulidade, em um sentido se alimenta da essência de ambos. Esta tem algo de evidência, que a relaciona ao conhecimento. Além disso tem, algo incerto, já que a evidência é indirecta”.

*“Agora, nós **cremos**, não pelo teu dito, porque temos ouvido, e **sabemos** que verdadeiramente este é o Salvador do mundo, o Cristo” (João 4:42).*

Mesmo uma leitura casual destes três enunciados mostrados em cima, revela que os primeiros dois se encontram em contraste severo com o terceiro. Os primeiros dois advogam pelo ponto de que a fé está baseada em presunções improváveis que produzem um sistema pessoal de crença cheio de incerteza. O terceiro enunciado, escrito pelo inspirado apóstolo João, descreve algumas das pessoas de Samaria de quem a sua fé na divindade do Senhor estava baseada no facto de que eles sabiam que Ele era o Salvador como resultado da evidência credível.

Obviamente, ambos os enunciados não podem ser correctos, já que estes representam ideias mutuamente exclusivas da fé bíblica. Por uma parte, se nos pede que creiamos que a fé é uma “presunção” feita por uma pessoa a qual simplesmente deseja crer em algo, seguindo uma moda crédula; por outra parte, o registo bíblico nos ensina que o conhecimento é uma parte integral da fé, e que a fé não está baseada numa simples conjectura cultivada ou uma presunção não fundamentada.

POR QUÊ A CONFUSÃO?

Através dos anos, a fé tem sido definida por seus adversários de várias maneiras desonrosas, tais como, “o poder de crer que o que você sabe não é verdade” ou “uma crença lógica no facto do improvável”.

Desafortunadamente, mesmo algumas autoridades supostamente “neutrais” têm contribuído para a confusão. Por exemplo, alguns dicionários de reputação, sugerem que a fé é uma “crença firme em algo no qual não há prova” (*Webster Ninth New Collegiate*), “crença que não descansa numa prova lógica ou evidência material” (*American Heritage, fourth edition*), ou “crença firme especialmente sem prova lógica” (*Oxford Illustrated American Dictionary*). Desde logo, os dicionários modernos, não são o estandar para a definição de termos bíblicos. A posição bíblica não depende do uso **actual** de uma palavra em **inglês** ou **espanhol**.

Tão incrível como pareça, alguns na mesma comunidade religiosa têm sido responsáveis por muita da confusão actual em relação à definição da fé bíblica. Por exemplo, o renomeado teólogo alemão Hans Kung escreveu: “Assim que, mesmo na fé não existe segurança completa e livre de dúvida. Na fé, devemos comprometer-nos a algo incerto” (1980, p.61). O popular tele-evangelista Robert Schuller abordou o tema da fé bíblica ao sugerir: “A fé é um compromisso a uma presunção improvável... Tanto o ateu e o teísta estão fazendo um compromisso de fé. O ateu não crê em nada. O teísta crê em algo. Mas ambos estão fazendo um compromisso a uma presunção improvável” (1984). Se estes homens estão no certo, a fé é algo baseado em nenhuma prova em absoluto, ou é algo composto de uma **pequena** quantidade de conhecimento e de uma **grande** dose de incerteza que permite aos homens “actuar como” que sabem algo quando, de facto, não sabem. Por conseguinte, é surpreendente que haja tanta confusão no mundo de hoje com respeito ao conceito da fé bíblica?

A IMPORTÂNCIA DE TER UM PANORAMA CORRECTO DA FÉ

No fundo, os conceitos inapropriados da fé danificam ou destroem a efectividade do cristianismo. A diferença de muitas outras religiões, o cristianismo sempre tem estado baseado sobre o facto histórico. Desde a historicidade do mesmo Jesus até à realidade da Sua ressurreição, o cristianismo tem competido no mercado de ideias com documentação como com o seu imponente fundamento. Entretanto pode ser certo o dizer que algumas religiões florescem em secreto, o cristianismo não é uma delas. Dizendo melhor, é projectado a ser apresentado, defendido, e avaliado **abertamente** à vista pública. Como um escritor anotou: “O cristianismo é a religião do **conhecimento e garantia**” (Lewis, 1987, p. 47). Então o que alguém sugere que o cristianismo está baseado num sistema de crença não provada (no fundo improvável) nebulosamente denominado “fé”, é roubar ao cristianismo de uma pessoa de seus mais importantes fundamentos – a veracidade que está arreigado aos factos históricos.

Ainda quase qualquer que pergunte admitiria, em teoria, que o conhecimento e a verdade são atributos indispensáveis de uma existência diária sensata, na prática muita gente vive fora dessa existência diária como se o conhecimento e a verdade finalmente não importariam. Muita da humanidade vive de acordo a um sistema de comportamento pessoal abstracto, confuso, e grandemente inconsistente. É um pouco estranho, para não dizer mais. Na maioria dos casos, um homem provavelmente insistirá em completa **objectividade**. Por exemplo, a respeito dos seus actos de alimentação ele pode dizer: “Eu não comerei esta comida; esta contém toxinas bacterianas que podem matar-me”. Respeito a assuntos da lei civil, ele pode sugerir: “Essa acção é ilegal; isto viola os meus direitos”. Mas quando o caso vem a ser a religião em geral, e o cristianismo em particular, a **subjectividade** governa o dia. As pessoas podem estar tão seguras acerca das suas crenças no reino material, mas tão inseguras acerca das suas crenças no reino espiritual. Por exemplo, em ocasiões quando se pergunta a uma pessoa que crê em Deus, se Deus, efectivamente, existe, esta pode responder: “Eu **creio** que Ele existe”, ou “Eu **espero** que Ele exista” ou “Eu **penso** que Ele existe”. Mas raras vezes ouve dizer: “Eu **sei** que Ele existe”. Ou, se faz a um cristão a pergunta: “Sabes se serás salvo?” a resposta algumas vezes pode ser como esta: “Eu **creio** que o sou”, ou “Eu **espero** que o seja”, ou “Eu **penso** que o sou”. Mas raras vezes ouve a alguém asseverar confiadamente “Sim, eu **sei** que sou salvo”.

Esta é realmente uma triste situação. Agora temos progredido ao ponto de que em assuntos rotineiros, tais como a escolha da comida, ou disputa legal, a objectividade chegou a ser praticamente um requisito absoluto. Entretanto, em áreas mais importantes dos assuntos espirituais, nós não somente esperamos, mas em muitos casos realmente insistimos em uma subjectividade que não toleraríamos em nenhum outro âmbito das nossas vidas. Aparentemente, alguns entre nós, ou alguma vez souberam mas há muito tempo esqueceram, ou nunca realmente entenderam em primeiro lugar a relação autêntica entre a verdade e a fé. Do mesmo modo, nós ou temos esquecido, ou não nos importa mais, acerca do dano que um conceito impróprio da verdade e a sua relação à fé pode causar.

Tem chegado o tempo para que os cristãos se encorajem a si mesmos outra vez com o mesmo respeito intenso pela verdade e a fé que Jesus expressou quando disse: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos **libertará**” (João 8:32). O cristianismo não é um tipo de religião de “espero que seja assim, baseados sobre algum misterioso conto de fadas ao modo de conceito conhecido como a “fé”. Sem dúvida, está arreigado e fundado na existência provada de um Deus verdadeiro, e a natureza fiável do testemunho histórico que envolve a vida, morte e ressurreição de Seu Filho. Quando o apóstolo João escreveu para consolar e reafirmar aos

cristãos do primeiro século que se encontravam em meio de numerosas provas e perseguições, ele disse: **“Estas coisas vos escrevi, para que saibais que tendes a vida eterna, e para que creiais no nome do Filho de Deus”** (I João 5:13). Por conseguinte, de acordo a ambos, Jesus e João, uma pessoa não somente pode saber algo, mas também pode saber que ele o sabe.

Existem certas implicações inegáveis, criticamente importantes precisamente detrás desta classe de declaração sólida e segura. Considere o seguinte: se uma pessoa não pode saber (com certeza) que Deus existe, então, esta não pode saber (com certeza) que a Bíblia é Sua Palavra inspirada. Se uma pessoa não pode saber que a Bíblia é a Palavra inspirada de Deus, então, esta não pode saber que Jesus é o Filho de Deus, já que a Bíblia provê a base para tal reclamação. Se uma pessoa não pode saber que Cristo é o Filho de Deus, então esta não pode saber que é salva. Além disso, João declarou especificamente: **“Estas coisas vos escrevi... para que saibais que tendes vida eterna”**.

Os cristãos não são agnósticos! O agnóstico diz: “Eu não posso saber se Deus existe”. Por outro lado, os cristãos **sabem** que Deus existe. (Salmos 46:10). Considere a alternativa: servem os cristãos a um Deus que “pode” ou não “pode” existir? Crêem os cristãos, e pedem a outros que creiam o testemunho da Bíblia que “pode” ou não “pode” ser inspirada? Põem a sua fé os cristãos, confiam e obedecem a Cristo o Qual “pode” ou não “pode” ser o Filho de Deus? Nunca!

A RELAÇÃO DA FÉ À CRENÇA. SENTIMENTOS, E A SINCERIDADE

Não é raro escutar dizer a alguém, em relação a uma crença particular que obviamente não pode ser provada: “Isto é somente um assunto de fé “. Ou, se alguém solicita conselho acerca de uma forma específica de conduta, a recomendação de amigos e sócios pode ser, “lança-te ao mar por fé”. Quantas vezes temos escutado o comentário de que uma crença particular ou uma acção é somente “um passo de fé”? Embora seja verdade que a palavra fé frequentemente é usada em tal modo, e mesmo cada um destes enunciados podem expressar uma “crença” segura, o facto que permanece é que tal uso não é nem representativo nem consistente com o conceito da fé bíblica.

A Fé e a Crença

É a fé uma crença? Sim, a fé é um tipo de crença. Não obstante, o tema se centra na classe de crença que é a fé bíblica. A crença faz referência ante tudo, a um juízo de que algo é verdade. Mas a crença pode ser tanto débil como forte. Se eu digo “creio que pode chover amanhã”,

esse é um exemplo de crença débil. Esta é uma opinião que eu sustento que espero que seja verdade, e por conseguinte creio que é verdade, sem dúvida é uma verdade que não pode provar-se. Não obstante, se eu digo: “creio que o veredito acusador no processo criminal é correcto e justo” isso é um exemplo de uma crença forte porque pode apresentar razão factual para a minha crença, baseada sobre a evidência disponível. Abordando a ideia de crenças “débeis” versus “fortes”, o filósofo David Lipe declarou que “...a diferença nestes dois tipos de crenças gira nas **causas** das crenças”. Uma crença forte é um acto racional baseado sobre evidência adequada, enquanto que a crença débil é produzida por tais coisas como a emoção e o interesse pessoal.

A fé bíblica é uma crença forte baseada sobre evidência adequada e credível. Embora a palavra “fé” (falando da fé subjectiva) é usada somente uma vez na Versão Reina Valera de 1960 do Antigo Testamento (Habacuc 2:4), a ideia da “fé” é apresentada através do texto por meio do uso de palavras tais como “confiar” (salmos 4:5; Isaías 26:4), “crer” (2 Crónicas 20:20), e “temor de Jeová” (Génesis 20:11; Salmos 111:10; Eclesiastes 12:13). No Novo Testamento, a palavra para “fé” é *pistis*, a forma nominal que é definida pelo dicionário expositivo do grego por W.E. Vem como a firme persuasão, convicção baseada no ouvir... usada no Novo Testamento sempre da fé em Deus ou em Cristo, ou em coisas espirituais” (1940, 2:71). Na Bíblia, *pistis* é usada mais frequentemente no sentido de confiança ou segurança, pela qual Pedro mandou aos cristãos **“estai sempre preparados para responder, com mansidão e temor a qualquer que vos pedir, a razão da esperança que há em vós.”** (1 Pedro 3:15). Tal esperança corresponde directamente a uma **causa para a crença**, já que podem ser oferecidos argumentos firmes para o seu sustento.

A Fé, os Sentimentos, e a Sinceridade

Mas, que parte corresponde aos sentimentos e à sinceridade no rol da fé bíblica? Desde logo, não há dúvida em que vivemos numa época na qual os sentimentos e as emoções frequentemente são elevados por cima dos ensinamentos contidos na Palavra de Deus. Muita gente desesperadamente busca um tipo de religião “melhor sentida que falada”. Não obstante, o simples assunto continua sendo, que onde não há Palavra de Deus, não pode haver fé porque **“a fé vem por ouvir, e o ouvir, pela Palavra de Deus”** (Romanos 10:17). Os sentimentos e as emoções pessoais, simplesmente não são uma guia espiritual fiável. Quando Saão violou o seu mandamento, e posteriormente perdeu a sua força, ele se jactou: **“Esta vez sairei como as outras e me escaparei. Mas ele não sabia que Jeová já se tinha apartado dele”** (Juizes 16:20). Saão “creio” que Deus estava todavia com ele, quando, de facto, Ele já não estava. Quando Jacob deixou a tenda de seu pai, ele aparentemente “pensou” que havia deixado a Deus

atrás. Sem dúvida, depois de sonhar o que é geralmente chamado “a escada de Jacob”, se despertou e exclamou: **“Certamente Jeová está neste lugar, e eu não sabia”** (Gênesis 28:16). A experiência de Jacob com seus **sentimentos** foi precisamente o oposto da experiência de Sanção. Sanção sentiu que Deus estava com ele, mas Deus não estava. Jacob pensou que Deus não estava com ele, mas Ele estava. Em ambos os casos, os seus **sentimentos** não foram guias fiáveis. Logo, Jacob sentiu sinceramente que seu filho José estava morto (Gênesis 37:34), mas, os seus sentimento não foram uma guia fiável já que aproximadamente 22 anos depois descobriu que José estava vivo e prosperando no Egito (45:26,27). Embora a fé possa (e frequentemente o faz) gerar dentro duma pessoa certos sentimentos e/ou emoções, não é verdade que isto passe ao inverso. Quero dizer, a fé mesma – já que está baseada na evidência/conhecimento – não é gerada, nem incrementada, pelos sentimentos ou emoções.

Tampouco a sinceridade só deve ser comparada com a fé bíblica. Desde logo, uma pessoa que deseje construir e sustentar uma fé como uma rocha sólida, quererá ser sincero em cada aspecto dessa fé. E outra vez, embora a fé possa (e frequentemente o faz) gerar dentro de uma pessoa uma certa sinceridade (I Timóteo 1:5), a fé não é o mesmo que a sinceridade.

Considere o caso de Uza, como é relatado em 2 Samuel 6. Os israelitas tinham recuperado a Arca do Pacto dos filisteus ímpios os quais a tinham capturado durante uma batalha anterior. O rei David tinha mandado que a Arca fosse colocada numa carruagem de bois (conduzida por dois irmãos, Uza e Ahio) para que assim fosse trasladada a Jerusalém. O texto declara que “os bois tropeçaram” (6:6b). Uza (aparentemente temendo que a carga preciosa fosse cair da sua elevada posição na carruagem e se danificasse ou se destruía) estendeu a sua mão para segurar a Arca (6:6ª). Não obstante, Deus tinha mandado que os israelitas não deviam tocar Suas coisas sagradas (Números 4:15). E assim no instante que Uza tocou a Arca, Deus o feriu de morte (6:7).

Foi Uza sincero no que fez? Inquestionavelmente. E, teria ele pessoalmente considerado a sua acção nesse fatídico dia o ter sido um acto sinceramente “nascido de fé”? Sem dúvida. Mas nem a sinceridade, nem a “fé” que ele tinha construído perigosamente sobre isto, contaram para nada ou foram capazes de salvá-lo da ira de Deus. Uza tinha ignorado a Palavra de Deus no assunto, que por definição, assegurava que a sua acção não era uma “nascida de fé”(Romanos 10:17), apesar de quão bem intencionado ou quão sincero Uza pode ter sido. Não é por casualidade que a Bíblia especificamente declara: “E o feriu ali Deus **por aquela temeridade**” (2 Samuel 6:7). A fé - fé bíblica – não é meramente sincera, mas também **obediente**.

E assim, enquanto a fé pode afectar as emoções de uma maneira positiva, e pode simultaneamente aumentar o desejo de uma pessoa para ser sincero, a fé em si mesma não é nem o resultado final de, nem sustentada por, os sentimentos pessoais ou declarações de sinceridade. Algo mais deve estar implicado. Esse “algo” é que a razão está relacionado com o conhecimento.

A FÉ E A RAZÃO

Embora seja verdade que tanto a Bíblia como o cristianismo enfatizam o construir e sustentar a fé, **não** é verdade que tal ênfase ocorre expensas da razão ou o pensamento racional. De facto, entre as páginas da Bíblia, a fé e a razão estão inter conectadas. Considere o enunciado de Lucas acerca dos cristãos de Bereia: **“E estes foram mais nobres do que os que estavam em Tessalónica porque de bom grado receberam a palavra, examinando cada dia, nas Escrituras, se estas coisas eram assim”** (Actos 17:11). A fé dos cristãos de Bereia não estava divorciada da razão. Fosse que eles soubessem que estavam fazendo assim ou não, cada momento e em todo o dia, usavam o que é conhecido como a Lei da Racionalidade para escolher somente tais conclusões enquanto fossem garantidas pela evidência adequada – e pelo que a eles lhe foi mandado! A inferência para outros crentes da Bíblia é ineludível: o Senhor espera que nós usemos as nossas habilidades dadas por Deus, da razão e pensamento racional para analisar a evidência, para que assim possamos **“examinar tudo”** (I Tessalonicenses 5:21) **“provar os espíritos”** (1 João 4:1), e **“reter o bom”** (1 Tessalonicenses 5:21).

A fé e a razão, se são usada apropriadamente e chegarão a uma verdade idêntica. Considere, por exemplo, o Universo. Este existe, e a razão (a Lei da Causa e o Efeito) diz que deve ter uma causa adequada que a anteceda. Então, é razoável crer que este Universo intrincadamente desenhado, teve um Desenhador. A escolha é entre a matéria somente, ou algo mais que a matéria, como a explicação fundamental para a existência e a ordem do Universo. Por conseguinte, a diferença entre os dois modelos é a diferença entre (a) o tempo, a casualidade, e as propriedades irreduzíveis de organização. A evidência que possuímos fala claramente de uma Mente não contingente, eterna, e auto existente que criou este Universo e tudo o que há nele. Os ateus esperam que nós creiamos que este Universo muito e bem ordenado (e a vida completa que contém) “passou assim por assim”. Mas tal sugestão é irrazoável, irracional, e insustentável pelos factos ao alcance da mão.

Em modo semelhante, é razoável crer que a Bíblia é a Palavra de Deus. Não há outro livro como este no planeta. A evidência para corroborar a reclamação da Bíblia da sua própria inspiração pode ser tirada de fontes

externas como da interna. A evidência externa inclui tais coisas como a documentação histórica das personagens bíblicas, lugares, e acontecimentos, ou achados arqueológicos que corroboram os enunciados ou circunstâncias bíblicas. As evidências internas são parte da mesma estrutura real da Bíblia. A unidade da Bíblia, a profecia preditiva, e o conhecimento científico prévio, (somente para apontar três exemplos) são incomparáveis na história humana e levam testemunhos ao facto de que a mesma existência das Santas Escrituras, não podem ser explicadas em nenhuma outra maneira, excepto por reconhecer que estas foram o resultado de uma Mente guiadora, principal e supervisora.

Está a fé em oposição à razão? Nunca! A razão é a companheira silenciosa da fé- mesmo- leal.

